14.12.

PONTUAÇÃO E SINAIS DE FIM DE TEXTO EM UMA OBRA AUTORAL DE GARCIA DE RESENDE

Hérvickton Israel de Oliveira Nascimento (UFBA/IC-CNPq/PROHPOR)
Orientadora: Rosa Virgínia Mattos e Silva
Co-orientador: Américo Venâncio Lopes Machado Filho

INTRODUÇÃO

Importante figura no processo histórico de afirmação da escrita e, conseqüentemente, da literatura em língua portuguesa, Garcia de Resende – cujo feito mais marcante de sua atuação intelectual tenha, talvez, sido a compilação do *Cancioneiro Geral* – legou, para além desse magnífico trabalho, peças literárias importantíssimas, dentre as quais textos que não mereceram maior destaque na avaliação de sua obra, podendo-se citar, como exemplo, o *Breue memorial dos pecados e cousas que pertençᷣ ha cõfissã*, impresso em 1521, documento que se encontra depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa, mas que só conheceu, pelo que se sabe, apenas uma edição, publicada em 1980, por Joaquim Bragança.

Esse documento impresso, reeditado como trabalho de iniciação científica, durante o período de 2007 a 2008 (cf. NASCIMENTO, 2008), despertou para a observação de um aspecto lingüístico pouco explorado por alguns estudiosos do espólio documental medieval português, *i. e.*, a pontuação.

Exemplos de como a pontuação tem sido relegada nos trabalhos de edição são as leituras propostas por Giuliano Macchi (1975) sobre a *Crónica de D. Fernando*, a edição do *Livro dos conselhos de El-Rei D. Duarte*, de João José Alves Dias (1982) e, ainda, a edição paleográfica da *Vida de Santo Aleixo* elaborada por Allen Jr. (1953). Na primeira, o autor opta por regularizar a pontuação "em função interpretativa, segundo o uso moderno" (MACCHI 1975, p. LXXXVII). Na edição de Dias (1982), o autor, "a fim de facilitar a compreensão do texto", abre "certas passagens, alguns parágrafos", embora afirme ter conservado a pontuação original. Allen Jr. (1953), por seu turno, ignora, segundo Machado Filho (2004), completamente a pontuação existente na *Vida de Santo Aleixo*, conquanto afirme ter mantido todos os índices paleográficos originais.

Entretanto, alguns autores defendem que a pontuação merece um estudo mais acurado, como o fez Evelina Verdelho (1994). A autora julgou que modernizando a pontuação "provocaria a modificação sensível de aspectos da estruturação sintáctica e rítmica dos textos", embora, em um primeiro momento, tivesse tido a disposição de "pontuar segundo regras e hábitos da ortografia actual" (p. 119 e 120).

Essa mesma tendência têm demonstrado outros filólogos, como Megale *et al.* em sua edição justalinear de *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, em que atenta para as características codicológicas existentes, assim como para os usos pontuacionais presentes no documento. Essa atitude editorial permite que pesquisas sobre aspectos paleográficos sejam implementadas sem a necessidade de se recorrer ao original. Exemplo disso é o trabalho de Oliveira Santos (2002) que fez um estudo comparativo da pontuação na *Carta de Caminha* com a proposta feita por João de Barros em sua *Gramática*.

Com o intuito de contribuir para uma análise mais sistemática no que diz respeito a pontuação, pretende-se neste trabalho apresentar o acervo pontuacional e os sinais de fim de texto (SFT) presentes na obra resendiana em questão, tendo como base metodológica o trabalho realizado por Machado Filho (2004). Este estudo se realiza no âmbito do Grupo PROHPOR (Programa para a História da Língua Portuguesa), da Universidade Federal da Bahia.

A PONTUAÇÃO NO *BREUE MEMORIAL*

O *Breue memorial dos pecados e cousas que pertençᷣ ha cõfissã*, documento impresso pela Casa Impressora de Germão Galharde, apresenta um elenco de 429 sinais de pontuação. Desses, 304 apresentam-se na forma do ponto moderno [.], 40 se parecem com o sinal de dois pontos [:], 49 obedecem ao traçado de uma barra inclinada à direita, e, por fim, há a ocorrência de 36 caldeirões medievais que, como se sabe, é um sinal característico da escrita da Idade Média portuguesa e servia para indicar "o início do parágrafo, proposição, estrofe ou parte do texto", segundo Martins (1996, p. 5).

Desses sinais o ponto [.] é o mais complexo de todos, pois, desde a língua latina até o latim tardio, passando pelo português arcaico e chegando até o moderno, sofre mudanças no que diz respeito à sua função. Denominando o referido sinal de *colon*, Rosa (1994) irá afirmar que esse sinal juntamente com o que vem chamar de *comma* [:] "indicavam diferentes graus de coesão textual na gramática do latim tardio" (p. 111) e que, mais tarde, "tiveram seu valor alterado, quando transferidos para o português". Esse valor, citado pela autora, diria respeito a um contínuo de graus de coesão textual, dos quais, na passagem do latim para o português, em seu *corpus* de análise, a *comma* indicaria um grau maior de coesão em relação ao *colon*.

Fato curioso é que, para Parkes (1993), o ponto [.] seria apresentado com o nome de *comma*, e indicaria a divisão do *colon* e, em seguida, uma disjunção de sentido menor, no momento em que fosse necessária uma pausa. O *colon*, por

sua vez, apresentar-se-ia sob a forma de dois pontos [:], e seria usado para indicar uma pausa após a *comma*. Essa aparente "confusão" quanto às formas de representação e funções textuais do ponto [.] e dos dois pontos [:] elucidam quão complexo é o sistema de pontuação da língua latina, que, mais tarde, a língua portuguesa escrita iria herdar e se complexar ainda mais.

Uma forma de resolver parcialmente a questão discutida acima é denominar o ponto [.] de *punctus*. Essa foi a terminologia adotada por Machado Filho (2004) em seu trabalho sobre a pontuação em manuscritos medievais portugueses. Observa-se o comportamento desse sinal nos fragmentos abaixo:

> Breue memorial dos pecados
> e cousas que pertenç½ ha cõfissã
> hordenado por Garçia de res½de
> fidalguo da casa del Rei nosso
> senhor. (...) [F1r]

> DIguo minha culpa a D*eu*s e a
> santa maria e a vos padre de
> nam vijr a este sancto sacram½to
> da cõfissam / com aquella contriçã
> e door de meus pecados. assy co /
> mo ouue deleytaçam em os fazer
> e cuydar por minha culpa. (...) [F1v]

Encontra-se nos fragmentos acima, o *punctus* tanto usado para indicar final de sentença, como para indicar fronteira de uma subordinação, como acontece no fragmento do fólio 1v. Ademais, estão presentes, no último fragmento, barras inclinadas à direita, que, de fato, se referem às vírgulas suspensivas, sinais que eram utilizados para indicar uma pausa mais breve no texto. Segundo Parkes (1993, p. 307), em algumas cópias dos séculos XIV, XV e XVI eram até usadas para indicar todas as pausas, só não a pausa final, cuja marcação, quase sempre, era de função do *punctus*. Abaixo se pode observar mais um exemplo de uso das *vírgulas suspensivas*, nesse caso, separando um sintagma nominal:

> (...) E os fidalguos caualey //
> ros e com½dadores como cïprem
> e guardã o que deu½ e suas regras
> e cõstituyções dellas: e tãbem os
> relegiosos / ecclesiasticos: casados (...) [F3r]

O fragmento acima apresenta um outro tipo de sinal detectado no texto resendiano, isto é, a *comma*, que, na 4ª linha, não apresenta correspondência alguma com o hábito pontuacional contemporâneo, diferentemente de outra ocorrência na 5ª linha, onde é usado para separar um sintagma nominal, podendo ser substiuído pela vírgula atual. Algumas *vírgulas suspensivas* presentes no *Breue memorial* também não encontrarão qualquer correspondência com o hábito pontuacional contemporâneo, comprovando-se assim mais uma funcionalidade para os sinais de pontuação, que é a marcação de elementos prosódicos nos documentos antigos portugueses. Outras ocorrências de *comma* podem ser identificadas nos fragmentos abaixo:

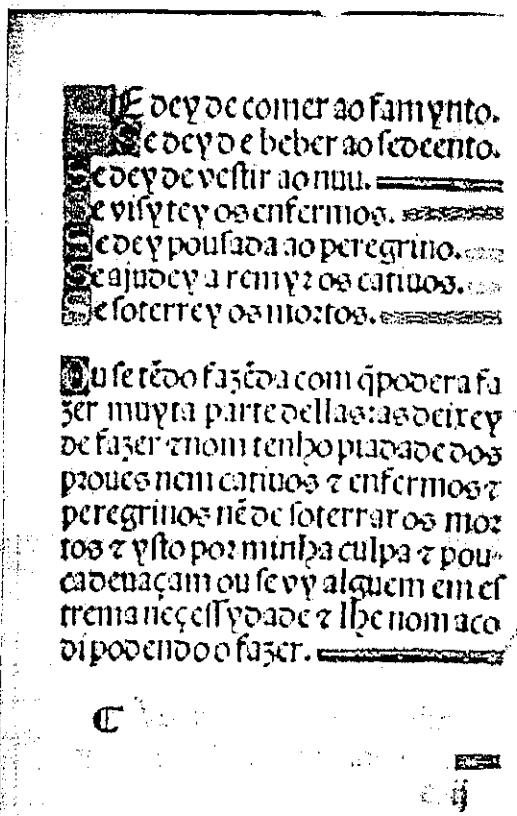
> (...) Se tenho nele fyrme
> fee e esperança: ou se descõfiey da
> sua misericórdia. (...) [F5r]

> (...) Se hõrro meus
> padres espirituais e os prelados:
> e cousas da ygreja: e os que nos de //
> fend½ e mant½ em justiça (...) [F6v]

No exemplo do fólio 5r, o mesmo sinal serve de fronteira para separar uma oração coordenada alternativa. E, no exemplo do fólio 6v, a *comma* é usada na fronteira de uma oração coordenada aditiva, não tendo nenhuma correspondência com qualquer outro sinal da língua escrita contemporânea. Importante lembrar que as barras duplas inclinadas à direita, no fragmento acima, não têm o mesmo valor funcional das *vírgulas suspensivas*, comportando-se dessa maneira como um sinal de separação de vocábulo.

Encontrado de forma profusa no documento analisado e presente desde a primeira fase nos documentos do período arcaico, como antes dito, o caldeirão medieval [¶] ocorre 36 vezes. Importante lembrar da função desse sinal de marcar, segundo Machado Filho (2004), "o início do parágrafo, proposição, estrofe ou parte". Segundo Martins (1986, p. 20), a sinalização do início dos parágrafos "irá tirar importância ao sinal de fim" de texto. Antes, o caldeirão medieval era representado pela letra gama maiúscula, ou pela letra K, ou "escrevendo a primeira letra de tamanho maior, de modo a que sobressaísse sobre as restantes." No *Breue memorial*, o caldeirão nunca ocorre antes de maiúsculas e nunca antes de letras capitulares ou no interior do corpo do texto, o que demonstra a sua importância como um marcador de mudança de tema.

Tão antigo quanto bastante recorrente no documento, usado inicialmente para indicar o fim de um parágrafo ou sentença, o sinal de fim de texto (SFT) se faz presente com 89 ocorrências. Os SFT foram estudados por Martins (1996) em um *corpus* constituído por documentos dos séculos XIV e XV. Segundo a autora, "o primeiro sinal dos manuscritos é uma espécie de 7. Depois serão outras figuras compósitas", ou seja, a pluralidade de formas e cores serão características bem específicas dos SFT. No *Breue memorial* esse sinal apresenta-se sob a forma de um traçado reto horizontal, podendo ter as cores verde e dourado; azul e dourado; vermelho e dourado; azul e vermelho; verde; dourado e verde seguido de dourado e azul; dourado e verde seguido de vermelho. Parte desses sinais encontra-se reproduzida no *fac-símile* da figura 01:



E dey de comer ao famynto.
E dey d e beber ao ſedcento.
E dey de veſtir ao nuu.
E viſyte y os enfermos.
E dey pouſada ao peregrino.
E ajudey a remyr os cattuos.
E ſoterrey os mortos.

Qu ſe tẽdo fazẽda com q̃ podera fa
zer muyta parte dellas: as deixey
de fazer: mom tenho piadade dos
proues nem cattuos: e enfermos: e
peregrinos nẽ de ſoterrar os mor
tos: e yſto por minha culpa: e pou
cadenaçam ou ſe vy alguem em ef
trema neçeſſydade: e lhe nom aco
di podendo o fazer.

Figura 01: *fac-símile* do fólio 17r do *Breue memorial*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se aqui, de maneira sucinta, fazer uma análise sistemática das ocorrências dos sinais de pontuação presentes no *Breue memorial dos pecados e cousas que pertenç½ ha cõfissã*, a saber, o *punctus* ou *colon* [.], a *comma* [:] e o caldeirão medieval [¶], bem como caracterizar os sinais de fim de texto. Sobre o *punctus, ou colon, e a comma*, deduz-se que a semelhança de funcionalidade já estava prevista nos textos latinos, daí então uma aparente "confusão terminológica" por parte dos autores que adentram nos meandros do estudo da pontuação em manuscritos e impressos antigos. Obviamente, diante de tão poucas referências bibliográficas a respeito da história da pontuação, fica a certeza de que há muito ainda a fazer no sentido de deslindar as diversas facetas da pontuação em textos escritos durante a história da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ALLEN JR., Joseph. *Two old portuguese versions of the life of saint Alexis: Codices alcobacenses 36 and 266.* Urbana: The University of Illinois Press, 1993.

DIAS, João José Alves. *Livro dos conselhos de El-Rei D. Duarte.* Edição diplomática. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

MACCHI, Giuliano. *Crónica de D. Fernando.* Edição crítica. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses.* Salvador: EDUFBA. 2004.

MARTINS, Maria Rosa. *Os sinais de fim de texto nos documentos portugueses dos séculos XIV e XV.* Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras, 1996.

MEGALE, Heitor *et al. A Carta de Pero Vaz de Caminha.* Reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

NASCIMENTO, Hérvickton Israel. *Edição paleográfica do Breue memorial dos pecados e cousas que pertençem ha confissã, de Garcia de Resende.* Trabalho de Iniciação Científica. Inédito. Salvador: UFBA, 2008.

OLIVEIRA SANTOS, Eliéte. A pontuação na Carta de Pero Vaz de Caminha comparada à proposta de João de Barros. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. MACHADO FILHO, Américo Venâncio (org). *O português quinhentista: estudos linguísticos.* Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002.

PARKES, Malkolm. *Pause and effect: An Introduction to the history of punctuation in the west.* Bekerley: University of California Press, 1993.

RESENDE, Garcia de. *Breue memorial dos pecados e cousas que pertenc½ ha cõfissã.* Disponível em http: // bnd. pt/. Acesso em 01 de ago 2008.

ROSA, Maria Carlota A. Paixão. *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas.* Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

VERDELHO, Evelina. *Livros das obras de Garcia de Resende: edição crítica, estudo textológico e linguístico.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.